

SEU/DELE: ONTEM E HOJE

Odete Pereira da Silva Menon
Universidade Tecnológica Federal do Paraná/CNPq

Edson Domingos Fagundes
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Maria José Strogenski
UNINTER

1. INTRODUÇÃO

Os pronomes compostos com a forma arcaica *ello*, do latim *illum* (*dello*, *ennello*, *aquello*, *a ello*), começaram a ser usados em português muito cedo. Posteriormente vão ser substituídos por formas reconstruídas – *aquilo* ou *isto*, *isso* (de *istud* e *ipsum*, respectivamente) – a partir de uma latinização, pois recuperam a vogal alta [i], que já tinha evoluído na língua arcaica para [e], ou vão desaparecer da língua moderna para dar lugar a *dele*, *nele*, *a ele*, *sobre ele*. O pronome *ele*, de terceira pessoa do singular, criação românica a partir de *ille* (e *ela*, a partir de *illam*), vai assumir os significados de pronome pessoal e de retomada anafórica, tanto do masculino como do neutro, antes expresso por *ello*.

A retomada anafórica [**de+ele**] serviu para suprir, na língua portuguesa, a falta de caso *genitivo*, com a transformação de língua de casos (latim) para línguas de ordem sintática (as línguas românicas): em latim *liber Petri*, em português *o livro de Pedro*. Entre outros empregos, o genitivo latino era usado para indicar a posse de alguma coisa por alguém, o que também podia ser expresso pelo uso do dativo¹⁵ (chamado de posse). A partir de o livro **de Pedro** – uma referência de

¹⁵ O francês, além do paradigma dos pronomes possessivos (*mon*, *ton*, *son*, *notre*, *votre*, *leur*),

terceira pessoa, **Pedro** podendo ser substituído pelo pronome de terceira pessoa **ele** –, pôde ser construída a anáfora [de+**ele**] = **dele**, que podia ser empregada em diferentes funções sintáticas, sempre que aparecia uma preposição **de** no antecedente. Assim, *o livro de Pedro* seria retomado na sequência por *o livro dele* (dele = adjunto adnominal) ou por *o seu livro*; *Maria gosta de Pedro*, por *Maria gosta dele* (= objeto indireto); *o menino tem medo do cachorro*, por *o menino tem medo dele* (= complemento nominal). Dessa forma, **dele** passou a ser uma retomada anafórica muito utilizada, o que vai gerar, posteriormente, algumas ambiguidades, porque a anáfora podia ser tanto da terceira pessoa do singular como da terceira do plural, e também podia aparecer em diferentes funções sintáticas. Além disso, o antecedente podia ser tanto [+animado] como [-animado]. O falante passa, então, a tentar desambiguar esses usos, especializando as formas ou recorrendo a diferentes construções.

O pronome possessivo de terceira pessoa **seu/sua**, herdado do latim *suus*, *a*, *um*, a princípio era usado tal qual, como **reflexivo**. Porém, seu uso foi-se expandindo na terceira pessoa e o significado dele se alargou. Com a criação do pronome **ele**, de terceira pessoa do singular, com o plural *eles*, o pronome *seu* passou a figurar como representativo de posse nessas duas pessoas, criando ambiguidades. E, para desfazer a ambiguidade entre **seu** possessivo de terceira pessoa tanto do singular como do plural, começou-se a acrescentar **dele** sempre que necessário: **seu ... dele**, porque, como esse pronome dispunha de flexão de gênero e número (dele, dela, deles, delas), era possível (nem sempre, porém...) identificar o referente anteriormente mencionado:

(1) Outrossy [eles] nos disserom¹⁶ que **algũus**₁ da parte da **Rainha**₂ que teuerom e teem **sua**_{1/2} voz contra nos e outros **seus**₂ criados **dela**₂ e **dos seus**₁ eram postos em algũus officios dos dictos regnos que som nossos que ata aquj per nos delles foram priuados e foe nossa mercee de os darmos a outras pesoas (**CDJI**, *Chancelarias*, [181], 01.04. Era de 1422[1384¹⁷], p. 93)

conservou a construção dativa com a preposição à: *Mon livre à moi; c'est à moi ...*

¹⁶ O antecedente desse verbo e dos demais exemplos (colocamos [eles] entre colchetes para assinalar o sujeito oculto] correspondem aos “homens dos mesteres pobradores e moradores da nossa nobre cidade de lixboa” que solicitavam ao Mestre de Avis, futuro D. João I, certos privilégios para a cidade de Lisboa e seus moradores, como recompensa pela sua fidelidade ao Mestre. Nos exemplos de **CDJI**, os negritos foram acrescentados, mas os itálicos são do original = desenvolvimento de abreviaturas, cf. p. 8, item 3.

¹⁷ A datação era feita com base na **Era de César: 1422**, calendário romano, que correspondia ao ano do Senhor (DC) 1384, deduzidos os 38 anos da diferença entre o calendário romano e o gregoriano, que passou a vigorar em 1422, já do novo calendário. Os documentos das Chancelarias de D. João I não são os originais, mas cópia foi feita na primeira fase da *Leitura Nova*, em fins

(2) Primeiramente que **a elles**₁ era dicto que nos queriamos tomar *pera nos e pera* nosso *conselho* aluaro *gonçalluez* veedor que foie em estos regnos da fazenda de nosso Jrmaão el rrey a que *deus* perdoe que dizem que he da Rainha e **seu** Jmigo **delles**₁ E que outrossy esso meesmo queriamos tomar **outros criados**₃ da **Rainha**₂ e outros que forom do **seu**₂ *conselho* os quaães dizem que som a nos suspeitos e a nosso *serujço* e dos dictos regnos e **a elles**₁ E **aos seus**₁ danosos que sempre **elles**₃ *procurariam* dapno e morte (CDJI, *Chancelarias*, [181], p. 91)

(3) Outrossy [eles]₁ nos pediram por mercee *que* por onrra da *dicta* cidade e nosso *serujço* e guarda **sua delles**₁ lhes *consentisemos* e outorgasemos **dous procuradores homens boons letrados**₄ que em nome **seu delles**₁ estem em nosso *conselho*₂ e relaçam **del**₂ cada que nos ouuermos de fazer ou pedir ou mandar pedir quaãesquer cousas que a nos *compram* que aa *dicta* **cidade**₃ e moradores **dell**_{2/3} pertençam *pera* **elles**₄ em **seu**₁ nome *procurarem* e *diserem* *aquelle* que entenderem por **sua prol delles**₁ e onrra da *dicta* cidade e por nosso *serujço* (CDJI, [181], p. 91)

Nesses três trechos, pode ser observada a complexidade das relações anafóricas que se verifica em muitos textos antigos e como os pronomes possessivos – e também o pronome pessoal **eles**, como em **elles**₃, do ex. (2) ou **elles**₄ do ex. (3) – podiam ser ambíguos e dificultar a compreensão do texto. Fizemos uma numeração subscrita, tentando orientar os leitores a recomporem as relações anafóricas existentes, de acordo com o contexto da petição encaminhada ao rei, e por ele (cor)respondida na sequência do documento. Veja-se que em (1) permanece uma possível ambiguidade de interpretação, porque **sua**_{1/2} pode ter como antecedentes tanto **Rainha**₂ como **algũus**₁, já que **algũus**₁ teriam sido procuradores da Rainha (D. Leonor, após a morte de D. Fernando), cuja voz e interesses ainda defenderiam (**teuerom e teem sua voz**) e que, por conseguinte, o Mestre não deveria mantê-los nos cargos, como eles tinham ouvido falar que se faria. Outra dificuldade de interpretação aparece em (3): “aa *dicta* **cidade**₃ e moradores **dell**_{2/3} pertençam *pera* **elles**₁”, pois [**dell**_{2/3}] pode ter como antecedente tanto **conselho** (isto é, as coisas que se deliberarem no conselho e que digam respeito aos moradores da cidade de Lisboa) como **cidade**

do séc. XV. Assim, embora sendo documentos exarados no séc. XIV, não se pode afirmar que toda a sua linguagem o seja, visto que era costume, nas cópias, se adaptar a linguagem antiga à nova, para melhor entendimento do texto, como nos alerta o editor, Dias (p. 07): “Resta lembrar ao investigador que o chamado “Livro Primeiro da Chancelaria de D. João I” é um resumo elaborado em finais do século XV, quando se começou a reformar a chancelaria régia e a elaborar a memória futura de cada reinado. A isto se chamou a primeira fase da *Leitura Nova*. Muitas das cópias apresentam erros que, por vezes, dificultam a compreensão do documento ou se afastam do original.”

(nesse caso, sem a devida concordância de gênero¹⁸), isto é, dos moradores **dela**. Os gramáticos costumam assinalar esse uso como se fosse – ainda – altamente produtivo na língua, como Cunha e Cintra (1985, p. 313); empregam, porém, exemplos de escritores do século XIX! Como no português do Brasil (PB) atual o emprego de **dele** é o mais corrente para a terceira pessoa, o recurso que se utiliza, nesses casos de ambiguidade, é colocar o referente entre parênteses: “Pedro e Paulo falavam do fracasso **dele** (Paulo)” ou (Pedro), uma vez que **dele** é ambíguo e há dois referentes de terceira pessoa do singular.

Assim, o presente trabalho se propõe a mostrar como os possessivos de terceira pessoa se comportaram no passado, com abonações de diferentes épocas, e como se realizam atualmente, em diferentes variedades do português do Brasil, com estudo quantitativo de ocorrências no sul do Brasil. Para esse último objetivo, serão levantados os dados das entrevistas do Varsul das três capitais (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), além da cidade de Lages (SC), fundada por vicentinos (da capitania de São Vicente), mas sofrendo influência dos gaúchos, na época do tropeirismo, por ser ponto de parada obrigatório no deslocamento das tropas do Rio Grande do Sul para a feira de Sorocaba, onde seriam comercializados os muares criados no sul (necessários e adaptados para os rudes caminhos montanhosos das explorações nas minas gerais) e os víveres (charque, sobretudo). As chamadas “minas gerais”, de exploração do ouro e pedras preciosas, ficavam em territórios hoje pertencentes aos estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais.

2. DELE ANÁFORA

O pronome *dele*, retomada anafórica então disponível na língua, passou a ter múltiplos usos. Um deles foi a utilização de uma parelha **dele ... dele** (tanto no masculino como no feminino, ou no plural de ambos) para indicar uma distribuição de tipo **partitivo-distributivo**. Essa construção vai ser substituída no português moderno pelos pronomes indefinidos **uns** e **outros**. No entanto, mesmo em Afonso de Albuquerque, já aparecia **dele(a)s ... e outro(a)s**, como no exemplo (6), que parece indicar, já nessa época (início do séc. XVI), uma certa dificuldade na interpretação desse distributivo-partitivo. Que o significado de tal construção fosse completamente **opaco** aos falantes do século XX, se comprova pela nota de rodapé explicativa, em que o editor, António Baião, (1957, p. 147), “traduz” para

¹⁸ Veja-se que a retomada anafórica de **dele** aparece na forma proclítica **dell** no exemplo [**dell**_{2/3}], o que dificulta ainda mais a consideração a respeito de qual seria, realmente, seu antecedente.

os leitores o significado de (5): “**umas** com o temporal e **outras** dentro do cabo Guardafui” (negritos acrescentados):

(4) A moeda de ouro, de prata e de cobre e de estanho, que se em vosso nome lavra em Malaca, **dela** leva Nuno Vaz e **dela** leva o ouvidor; perdeu-se muita da do estanho em Frol de la mar. (Carta IV de Afonso de Albuquerque, 01.04.1512, *apud* Baião, p. 64)

(5) E quanto é ao que Vossa Alteza diz, que se tomarão lá presas, por nossos pecados um grã golpe de riqueza errámos nós este ano, porque arribaram mais de sessenta naus, **delas com temporal e delas de dentro do cabo de Guardafuum**, onde houveram novas de nós. (Carta IX, Afonso, 03.12.1513, p. 147)

(6) E tiravam ao alto da torre, e foi mui prestes ganhada, onde **lhe** tomámos trinta e seis bombardas grossas, **delas** de grandura de pedra de nossos camelos, e **outras** pouco menos, e a tivemos assim até nossa partida. [...] Ali, em Camarão, tomámos mouros de Dgedah, rubães e marinheiros, que sabem a navegação e portos do mar Roxo; **deles** havia dois meses que partiram de Suez, e **outros** que então chegavam de Dgedah e **outros** do Tor; e de todas as partes tive nova. (Carta X, Afonso, 04.12.1513, p. 175 e 193, respectivamente)

(7) [...] parece-me que para os beocos de Cananor haveis mister sempre uma boa armada; e se eu fora mais confiado em Vossa Alteza, eu vos mandara Mamale com uma meia dúzia **deles** dos principais; e parece que deve Vossa Alteza de mandar secretamente que vo-los levem. (Afonso, p. 47)

Em (7), vemos o emprego de tipo *partitivo* em 1512, que se estende ao português moderno: quando queremos indicar uma parcela de alguma coisa, uma certa quantidade, um certo número de um conjunto, empregamos o número que queremos exprimir e a anáfora correspondente. No exemplo, *deles* se refere a *beocos*, fazendo, além disso, referência mais restrita: essa parte do grupo deveria ser *dos principais* (mais importantes personagens).

Esse emprego *distributivo-partitivo* parece ser bem antigo na língua. Jorge Ferreira de Vasconcellos, ferrenho defensor do uso do português num século (XVI) em que se escrevia, além de em latim, também em castelhano (como Gil Vicente, entre outros, para atender a uma corte cuja rainha era, em geral, proveniente dos territórios da Espanha), insere na *Eufrosina* (escrita entre 1542 e 1543, mas só publicada em 1555, cf. o *Dicionário*, 1985, p. 211) uma dessas distribuições, utilizando **inde ... inde**, já arcaico naquele momento da língua (mesmo a forma

vernácula **en**¹⁹ < **ende** < lat. *inde* já estava, por então, caindo em desuso, sendo substituída por *dele* ou *disto/disso/daquilo* ou por *lhe*):

(8) Eivos de falar mera lingoagem, nam cuideis que he isto tam pouco, **que eu tenho em muito a Portuguesa**, cuja gravidade, graça laconia, e autorizada pronunciaçam nada deve aa latina, que Vala eçalça mais que seu imperio. E **inde** mal e **inde** negra, porque eu na chimera de suas sotilezas ando rastreiro ante os pees das serpentes; se eu meus beços molhara na reputaçam mais importante que a fonte Cabalina, per ventura *lhe* pagara a natural divida, porque daime ca esse seu Tulio e essoutro Quintiliano em que todos escoram [...] por isso eu quero raivar com seus naturais que a tacham, **defamandoa de pobre**, e nam *lhe* consentindo alfaiar se do alheio, como que o principal cabedal das copiosas nam seja **o mais delle** emprestado e a Portuguesa com o seu he tam rica que **lhe** achareis alfaias proprias de que as outras carecem. Isto nam quereisvos ver, e dais no vosso burquel, porque **os homens fazem a lingoagem**. (*Eufrosina*, p. 7, negritos acrescentados).

Vemos, em (8), que a postura de Vasconcellos frente à língua – **os homens fazem a lingoagem** – se coaduna com aquela do nosso primeiro gramático, Fernão de Oliveira. Com essa frase, Vasconcellos – que se diz **da tempera velha** (p. 05) – critica os próprios conterrâneos: se eles afirmam que a língua portuguesa é pobre (**defamandoa de pobre**), é porque eles o são ...

Cabe, aqui, ainda, um adendo histórico respeitante à segunda pessoa: uma das diferenças entre o Português Europeu (PE) e o PB, quando um falante se dirige a outro, é o uso de locuções (ou sintagmas nominais) compostos de substantivos comuns – **a menina, o colega** – ou o nome do interlocutor: **o João, a Maria**, além do uso de **de si** (=de você: **falei de si**) ou **consigo** (=com você: **vou consigo**). Essa forma dos falantes do PE de se dirigir ao interlocutor causa bastante estranheza aos falantes de PB, embora, em alguns casos, se possa usar desse recurso (“— O professor não vai dar intervalo hoje? – dito por um aluno). Esse recurso é chamado de uso da terceira pessoa para se dirigir ao interlocutor e não é recente: ele esteve na base da criação do pronome **você** (oriundo da locução **a vossa mercê**). Na segunda metade do século XVI (em peças de teatro, mas não em Gil Vicente, da primeira metade), houve a utilização de **ele/ela** em diálogos para se dirigir ao interlocutor. Esse emprego se estende ao século XVII, visto que Dom Francisco

¹⁹ Veja-se que o **en**, forma mais reduzida, praticamente só era encontrada em **poren** < **porende** < lat. *pro inde*, com significado mais antigo de retomada anafórica equivalente ao moderno **por isso** e que, a partir da segunda metade do séc. XVI, vai se gramaticalizando até se transformar em conjunção adversativa: **porém**.

Manuel de Mello (*1606-†1666), na *Carta de Guia de Casados*, se refere a isso quando critica o uso de **tu** pelos castelhanos o de **Vous** pelos franceses, louvando o uso de **Elle** e **Ella** pelos portugueses (negrito acrescentado):

O 'Tu' he castelhano; e por mais que eles o achem carinhoso, como lá dize, he palavra muito de praça, e que ao mais não deve de quebrar a menagem da camara para fóra. O 'Vós' he francez, que com hum 'Vu' receberão a mesma Rainha de Sabá se cá tornára Tenho-o por demasiado vulgar. O 'Elle' e 'Ella', hum 'Ouve senhor', 'Que diz senhora', he termo bem portuguez, assáz honesto e bem soante (ed. de Edgar Prestage, Ocidente, Lisboa, 1954, p. 118; *apud Teatro Português*, I, III, p. 45)

E esse **ele/ela** poderia ter um possessivo **dela/dela** ... como podemos ver nos exemplos (9-10), assim como **de si** (11), referente seja a **vossa mercê**, seja a **ele** (as duas formas que o Moço usa para se dirigir a Dom Fernando):

(9) LIANOR (moça, para Catarina): Ter pensamentos pequenos/ em mim, senhora, nam cabe/ isto nam por que me gabe/ mas ninguém descobre menos/ quando muito **ela** sabe./ Assi que sua querela/ nam tenha nenhum redobre/ pesa-me com o pesar **dela**/ mas folgo pois me descobre/ o que já sentia dela (Auto do Caseiro de Alvalade, **Teatro**, I, p. 37)

(10) ESCUDEIRO (para Simão de Andrade): A tristeza então se dobra/ mais pois sei dela a verdade/ um [*sic*] mercê **dela** [Simão de Andrade] espero/ e é senhor Simão d'Andrade/ que havemos d'ir a Alvalade/ a ver lá a quem bem quero. (Auto do Caseiro de Alvalade, **Teatro**, I, p. 68)

(11) MOÇO (a Dom Fernando): Um remédio excelente/ tinh'eu, senhor, maginado/ se **ele** [Dom Fernando] for disso contente:/ sem mais estrondo de gente/ **ele** só fosse embuçado/ sem escada nem ninguém/ senam só irmos per i/ e **vossa mercê** ò desdém./digo, se **lhe** vier bem,/ ter-m'á em cima **de si** (Auto de Dom Fernando, **Teatro**, I, II, p. 109)

(12) FLORISBEL (para Ratinho): Não sei quem vos ensinou/ sois filósofo acabado/ andai que sois avisado. RATINHO: Vá-se **ele** [Florisbel] que eu logo vou/ que hei de ter conta com o gado. (Auto de Florisbel, **Teatro** I, p. 96).

(13) Entra o Pai e diz: / Filha, Deos vos dê prazer./ GUIOMAR: E a **ele** [Pai] boa velhice. (Auto de Guiomar do Porto, **Teatro** I, p. 243).

José Camões, em *Teatro Português*, rastreou 58 casos de **ele/ela**, nesse emprego, nas peças do século XVI que editou nos três volumes (fizemos a contagem com base nas notas de rodapé). Ressalta, no entanto, não ter encontrado esse recurso nas peças de Gil Vicente (*c. 1465-†depois de 1536), mas ser empregado por outros autores nascidos já no século XVI, como Camões, por exemplo.

3. DATIVO DE POSSE E DATIVO ÉTICO / DE INTERESSE

Na passagem do latim às línguas românicas, sobraram algumas construções residuais da atribuição de caso; entre elas, os chamados *dativos de posse* e os dativos ético ou *de interesse*. Essas construções constituem um problema para diferentes teorias sintáticas, que não conseguem atribuir a elas uma função sintática. Assim, na gramática tradicional (doravante GT) vemos o emprego dessa nomenclatura, mesmo que a GT descreva uma sintaxe calcada sobretudo na ordem dos constituintes, e não mais na morfologia (casos)²⁰. Trata-se do uso de **pronomes clíticos** para expressar a posse, o interesse ou a participação do locutor ou de um terceiro num determinado evento(?) ou para exprimir algum benefício (ou malefício) do locutor em determinada coisa.

Embora semanticamente esses clíticos signifiquem *posse*, sintaticamente eles não podem ser analisados da mesma maneira que os pronomes possessivos, os quais, na GT, são classificados como adjuntos adnominais, numa locução ou sintagma nominal (LN ou SN). Ora, os pronomes clíticos têm uma certa independência de posição, da qual os pronomes possessivos não dispõem (o possessivo até pode aparecer posposto ao núcleo do SN, porém isso implicará mudança de significado: “Minha filha não frequenta uma festa dessas” tem sentido diferente de “Filha minha não frequenta uma festa dessas”). Segundo a classificação de Mattoso Câmara (1981, p. 37), os pronomes átonos seriam **dependentes**, numa nova classificação, diferente daquela estruturalista que considerou as palavras como **formas livres e formas presas**. Além disso, os pronomes clíticos constituem, *de per si*, **um sintagma nominal**, podendo receber, somente na terceira pessoa, flexões de gênero e número (o, a, os, as e, com lhe, lho, lha, lhos, lhas). Pelo menos no estado da arte atual, nenhuma teoria ousou acenar com a possibilidade de os clíticos serem parte de outros SNs.

Alguns dativos de posse o são, na língua moderna, porque a regência verbal foi modificada, passando-se a usar a preposição **de** em lugar da antiga regência com **a**: é o caso do verbo **tomar**, por exemplo, que no PB, pelo menos, tem a regência de transitivo direto: *tomar alguma coisa de alguém*, e não mais como *tomar alguma coisa a alguém*, como acontecia na língua antiga:

(14) Mamale e seus irmãos como isto souberam, renunciaram todos o direito que tinham em certas ilhas que **tinham tomadas** por força **a este rei**, a um seu irmão que se chama Içapocar. (Afonso, 01.04.1512, p. 46)

²⁰ No entanto, em gramáticas mais antigas, ainda era comum haver uma tábua de declinações para o nome, por casos ...

(15) Mas **a Portugueses** cos capacetes nas cabeças entre as ameias não **lhe tomam** assim a fortaleza. (Afonso, 01.04.1512, p. 58)

(16) E poderá ser que alguns outros se enfrearão se virem que Vossa Alteza **lhe quer tomar** a conta. (Afonso, 01.04.1512, p. 47)

Em (15), inclusive, há um **duplo dativo: a Portugueses e lhe ...** Essa frase, no PB, seria: “Mas não tomam a fortaleza **dos portugueses** (que estão) com os capacetes nas cabeças entre as ameias”. E é justamente porque fica ambígua a interpretação de *dos portugueses*, ou de *lhe*, no exemplo original, (i) como complemento de tipo dativo (objeto indireto) ou (ii) de locução expressando a posse, que a retomada anafórica (=deles, lhe=deles) pode ser interpretada como possessivo.

(17) E se quiserdes ter em Malaca gente que vo-la esteja contando com o dedo: pela ventura não falecerá dalguma parte gente que **vos** pode tirar Malaca **das mãos**. (Afonso, 01.04.1512, p. 47)

Em (17), “**vos** pode tirar **das mãos**” equivale, semanticamente, a “pode tirar **das vossas mãos**”, porém, não se pode fazer idêntica análise sintática. Por isso, à falta de podermos *lhe* atribuir função sintática, continuamos denominando esse **vos** de *dativo de posse*, embora não haja dativo em português.

É possível que, nas fases mais antigas da língua, **o dativo de posse** fosse uma estratégia estilística para evitar o uso do pronome possessivo quando a referência fosse às partes do corpo = **posse inerente** – como, de resto, ainda o pratica o francês moderno: “On **m**’a cassé la jambe” e não “On a cassé **ma** jambe” (**Me** quebraram a perna vs. Quebraram **minha** perna) – se atentarmos para os seguintes exemplos, retirados do *Livro de Falcoaria de Pero Menino* (Códice B.N. 518, Pombalina):

(18) E des y poen**lhe** hũ botão bem quente **no toutiço**, onde s’ajunta o pescoço com a cabeça [...] pola qual rezão conpre aos caçadores que sempre se revejam en os seus falcões como a molher ao espelho, que se revê en elle pera ver se parece bem ou nõ: tal deve ser o caçador com seu falcão pera ver se **lhe** [é] mudado o **senbrante**; ca todas estas cousas sobreditas cambiaram o falcão (**Falcoaria**, p. 11-12)

(19) E quando os regeitos sam podres e são chegados à tripa susodita, logo o falcão não pode comer toda sua vianda e faz mau sembrante e fed**lhe a boca**; e e quando ysto vires, catal**he o ouveiro** en o lugar onde anda o bucho e acharás aquelle lugar duro e então podes conhecer esta dor; e logo filha a manteiga crua e met**lhe della pola boca** (**Falcoaria**, p. 18)

(20) E este inchamento devesse purgar por esta guiza: filha o açúcar candil e met**lhe delle na** [fol.39, v.] **boca** e seja britado miudo por **lhe** ir **ao bucho** e, des

que vires que tolhe **delle**, dalhe, até que vejas que tolhe **sua** materia propia e seja sempre ao sol e **provalhe** en esse dia aguoa en jejum e beba **della** o que quizer; (**Falcoaria**, p. 21)

(21) E quando vires que a unha quer sair do falcão²¹ e está ainda pressa en algũ lugar, derriba[o] a pressa e **cortalhe a dita unha**, apressa pelo bico, con hũas torqueses, que **lhe** chegues **ao sabugo** [...] e des que esta unha for fora de todo, filha o dito poo e cubrilhe bem o sabugo **della**. (**Falcoaria**, p. 34-35)

Alguns gramáticos, como Cunha e Cintra (1988, p. 295), afirmam que os pronomes átonos²² que servem de objeto indireto podem ser usados em sentido possessivo “principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular”, como de resto já o fazia Vasconcellos na **Eufrosina** (21). Repare-se que o antecedente pode ser [+humano] ou [-humano], como se pode ver pelos exemplos (17-20) acima: neles, o referente (possuidor) é um animal.

(22) Nunca vos acanheis aa fortuna se a quereis vencer, ca pera tudo há remedio, segundo dizem, se nam pera a morte. Pois ainda vola darei par’ela, porque vejais que padrinho tendes em mi: he **abrirlhe** a boca e **cerrarlhe** os olhos. O bom namorado hade cometer alem do que **lhe a sua** possibilidade **requere** e nada temer por mais gadanhos que lhe a reza faça, de maneira que responda sempre aos pensamentos. (**Eufrosina**, p. 21)

Além disso, observemos, no ex. (22), um contexto sintático que parece ter inibido a ocorrência de **dele**, talvez devido à regência antiga do verbo *requerer* – requerer algo **a alguém** –, o que possibilitaria o aparecimento de **lhe** = retomada anafórica a **ele**: “O bom namorado hade cometer alem do que **lhe a sua** possibilidade **requere**”²³. Por outro lado, a ordem dos constituintes da língua antiga – (OSV=

²¹ Na variante (21), na primeira parte das notas de rodapé, para comparação com o texto-base, está: “Pero quando vires que a hunha quer sair **aa tua ave do dedo** e esta ainda apressa em allgũ lugar [...]”. Vemos aí a construção com dativo – **aa tua ave do dedo** –, a comprovar a origem dativa da construção com **lhe**, equivalente a: “do dedo **da tua ave**”, e que poderia ser glosada com “quer **lhe** sair do dedo” ou “quer sair do dedo **della**”.

²² A posição de Cerqueira (2008, p. 231) em relação ao dativo de posse e do dativo de interesse é equivocada, uma vez que ele afirma que “o dativo de interesse, em português, é limitado à primeira pessoa do singular apenas” e as “outras formas pronominais são excluídas desse emprego.” E o que ele chama de “possessivo de interesse” (p. 231-233) é completamente diferente daquilo que se denomina dativo de posse.

²³ Na língua moderna, com a regência de *requerer* com a preposição **de**: “além do que a sua possibilidade requer dele” ou “além do que a sua possibilidade dele requer”.

no caso, Objeto Indireto – Sujeito – Verbo) – impediria uma eventual ocorrência de [a ele/ dele] junto a outro possessivo: *a ele/dele a sua possibilidade requiere.

Vejamus uma correspondência moderna entre dativo de posse e pronome possessivo em três diferentes versões da Bíblia, uma do início do séc. XX (BS, *Bíblia Sagrada*. Trad. da *Vulgata* e anotada pelo Pe. Matos Soares. *Imprimatur*, 1933), outra do fim do mesmo século (NVI, *Bíblia Sagrada*. Nova versão internacional: a tradução para o PB ocorreu na última década do século, mas a publicação saiu em 2001) e a terceira, do início do séc. XXI (NTLH, *Bíblia Sagrada*. Nova tradução na linguagem de hoje. 2011):

Quadro 2.1 – Correspondência moderna entre dativo de posse e pronome possessivo, em três diferentes versões da Bíblia

BS – Gênesis, 3, 14-15, p. 21-22	NVI – Gênesis, 3, 14-15, p. 2	NTLH – Gên., 3, 14-15, p. 5-6
<p>¹⁴E o Senhor Deus disse à serpente: Pois que fizeste isto, és maldita entre todos os animais e bestas da terra; andarás de rastos sobre o teu peito, e comerás terra todos os dias da tua vida</p> <p>¹⁵Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela. Ela te pisará a cabeça, e tu armarás traições ao seu calcanhar.</p>	<p>¹⁴Então o SENHOR Deus declarou à serpente: “uma vez que você fez isso, maldita é você entre todos os rebanhos domésticos e entre todos os animais selvagens! Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida.</p> <p>¹⁵Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar.</p>	<p>¹⁴Então o SENHOR disse à cobra: — Por causa do que você fez você será castigada. Entre todos os animais só você receberá esta maldição: de hoje em diante você vai andar se arrastando pelo chão e vai comer o pó da terra.</p> <p>¹⁵Eu farei com que você e a mulher sejam inimigas uma da outra, e assim também serão inimigas a sua descendência e a descendência dela. Esta esmagará a sua cabeça, e você picará o calcanhar da descendência dela.</p>

Em BS, Deus se dirige à serpente usando o pronome de segunda pessoa **tu**, com o possessivo correspondente **tu/tua** e **seu/dela** quando é referencial à mulher. Aparece também o dativo de posse: “Ela **te** pisará a cabeça.” Em NVI, o pronome de segunda pessoa é você, que pode introduzir interpretação ambígua de **seu**; por isso, aparece o **dela** quando é referencial à mulher: “entre a **sua** descendência” (=de você) “e o descendente **dela**” (=da mulher). Além disso, vemos, nessa versão, o uso de **lhe** tanto para se referir a **você** como a **ele**: “este **lhe** ferirá a cabeça” (=de você, cobra), “e você **lhe** ferirá o calcanhar” (=dele, o descendente). Finalmente, em NTLH, com pronome **você** para a cobra, a distribuição se faz entre **sua** (=de você) e **dela** (da mulher) nas duas ocorrências. Assim, podemos ver que, quando o pronome é **tu**, não ocorre ambiguidade; porém, quando o pronome de segunda pessoa é **você** (que, no processo de gramaticalização, carrou para o domínio da interlocução o possessivo seu, que era usado quando **a vossa mercê**, enquanto

locução nominal, correspondia a um nome; portanto, terceira pessoa), cria-se um contexto favorecedor do uso de **dele** na terceira pessoa. Por isso, quando se faz um levantamento de uso do pronome possessivo da terceira pessoa, deve se levar em conta qual é o pronome de segunda utilizado no dialeto estudado.

4. SEU/DELE NO PB

O trabalho de Silva (1982), sua tese de doutorado, sobre a distribuição de **seu/dele** no dialeto do Rio de Janeiro, com clara vantagem para o possessivo **dele**, tendo o **seu** uso restringido à expressão da indefinição, deu origem a mais desenvolvimentos (1984, 1991). Nesses dois artigos, a autora aumentou a amostra e refinou os grupos e fatores. No primeiro, Silva (1984) testou um gradiente da posse, partindo da posse mais definida para a mais indefinida, levando em conta número de possuidores e de possuídos, porque isso pareceu ser bastante importante da distribuição do uso de **dele**, que “viria remediar o mal-estar causado por um tipo de número não discreto, não habitual ao falante, já que nas demais categorias gramaticais não existia tal hierarquia de número.” (SILVA, 1984, p. 62). A autora diz que se confirmou sua hipótese, visto que “os dois fatores que favorecem a forma *dele* são os que, em nossa escala de seis graus de pluralidade, se situam entre singular e plural, isto é, os fatores em que um possuído é atribuído a dois possuidores, seja distributiva, seja coletivamente.” Vemos abaixo a reprodução da sua Tabela 4 com os resultados obtidos com rodadas do programa Varbrul, em que se pode observar como, embora tivessem muito maior número de dados, as situações 1 e 2 desfavorecem o uso de **dele** (assim como 5 e 6, com um número muito reduzido de dados, é verdade) e as situações 2 e 3, descritas acima por Silva, com número razoável de dados), favorecem o uso de **dele**:

Tabela 2.1 – Reprodução da Tabela 4 — Aplicação da forma dele. Combinação do número de possuidor e possuído. (SILVA, 1984, p. 61)

DESCRIÇÃO	EXEMPLO	FREQÜÊNCIA	P.R.
1. Um possuidor tendo um possuído	João e seu nariz	$504/1952 = 25,8\%$	0,34
2. Um possuidor ²⁴ com dois ou mais possuídos	João e seus olhos	$94/646 = 14,06\%$	0,33
3. Dois ou mais possuidores, tendo um possuído em comum (posse coletiva)	Ele, a esposa, e seu filho foram ao Rio	$88/131 = 67,1\%$	0,93
4. Dois ou mais possuidores, tendo, cada um, um possuído (posse distributiva)	João, Paulo e seu(s) nariz(es)	$46/162 = 28,4\%$	0,74
5. Dois ou mais possuidores, tendo dois ou mais possuídos em comum (posse coletiva)	Ele, a esposa, e seus filhos...	$10/39 = 25,6\%$	0,35
6. Dois ou mais possuidores, tendo, cada um, mais de um possuído (posse distributiva)	João e Paulo feriram suas duas pernas num acidente.	$7/56 = 12,5\%$	0,34

No trabalho de 1991, Silva revê os resultados acima, de 1984, calcados na sua tese de doutorado (1982) e acrescenta novas amostras para suplementar os tipos de posse – representados pelo pronome **seu** — que se revelaram menos recorrentes ou ausentes de todo na tese, a fim de testar outras variáveis e refinar a distribuição dos pronomes **seu** e **dele** como possessivos de terceira pessoa. As variáveis linguísticas testadas foram: traço [\pm animado]; presença do referente; especificidade; grau de abstração; e aspecto formal do possuidor. As variáveis sociais foram: origem geográfica da amostra; grau de instrução; sexo; e faixa etária. Segundo Silva (1991, p. 102-103):

A variação entre os possessivos *seu* e *dele* na linguagem oral está fortemente correlacionada com as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade. Serão discutidas aqui conjuntamente as variáveis sociais e as que dizem mais de perto respeito a “indefinição”.

Ao ser examinada apenas a idade, tem-se a impressão de que o fenômeno está em rápida mudança, encaminhando-se para o uso da variante *dele*, já que os mais jovens usam pouco a forma *seu*.

Pelo contrário, ao ser examinado o grau de escolarização, tem-se a impressão de que, não menos rapidamente, o emprego da variante *seu* teria de ser maior à medida que as leis sobre obrigatoriedade escolar se tornassem mais severas.

Ao ser, entretanto, examinada a frequência geral da forma *dele* através do tempo desde o século XV até hoje, em Portugal e no Brasil (Silva, 1982), verifica-se que não

²⁴ No texto original, há um erro: no lugar de **possuidor**, consta **possuído**.

houve alteração no que diz respeito à sua frequência na linguagem escrita (embora se tenha verificado séria mudança na relação das variáveis entre si).

É sedutora a hipótese de que, ao contrário da língua escrita, esteja havendo na língua oral uma mudança no sentido da variante *dele* superar a variante *seu*. Acreditamos que esteja realmente ocorrendo este fato, devido à presença da introdução da forma *ocê* no século XVIII, que desestruturou todo o sistema pronominal, tornando, em particular, totalmente ambígua a forma *seu*. Entretanto, coocorrendo com uma evolução no tempo real, acreditamos que esteja principalmente havendo um fenômeno ligado ao tempo aparente.

No entanto, para este trabalho de análise dos dados de quatro cidades do Banco de Dados Varsul, decidiu-se fazer rodadas apenas com as variantes examinadas por Silva (1984), porque o contato com os dados, durante o exame das entrevistas, foi indicando que haveria muitos nocautes em algumas das localidades devido ao pequeno número de dados computados para o possessivo de terceira pessoa, segundo o modelo de 1991.

O mesmo exame nos conduziu a acrescentar duas variantes às seis propostas por Silva (1984): a **sétima** seria quando aparecem nomes de tipo coletivo, gramaticalmente no singular, mas semanticamente com mais indivíduos, como: **a família, o pessoal, a turma, a prefeitura, a firma/empresa**, seguidos de possuídos no singular ou no plural:

(23) Tamém já tem **a família dela** lá, os filhos as filha, as nora. (FLP07, fbp, 631)

(24) **A turma** se encontra ainda, jogá **as suas** bolinha ali, tudo coroa. (POA01, mbp, 258)

(25) Qué dizê, **o pessoal** vão se ajudando, eles vão assumindo junto **os+seus** problemas e eles vão se entreadjudando. (LGS03, mbp, 923)

(26) Então, dentro da sociedade, **a instituição de ensino** que não tiver bem claro qual é **a sua** filosofia, (hes) princípios que vão mostrar essa filosofia e toda **sua** prática didático-pedagógica, dentro de uma visão bem científica. (CTB35, fbs)²⁵

A **oitava** foi reservada especificamente para as ocorrências de pronomes indefinidos – **todos, todo o mundo, cada um** – que parecem ser o último reduto do uso do pronome **seu** na terceira pessoa.

(27) Os meus filhos, **cada um** tem **a sua** vida própria. (CTB02, mbc, 1038)

(28) Em casa, **cada um** segue **a sua** religião que quer, né? (FLP17, fag, 676)

(29) Então **cada um** tem **o seu** nome, né? (LGS19, mag, 053)

²⁵ Nessa entrevista de Curitiba – superior, não aparecem os números de linha.

(30) Eu nunca achei que uma pessoa falasse mal. Cada um tem **o seu** jeito de fala, seu jeito de sê. (POA10, map, 1236)

5. SEU/DELE NOS DADOS DO VARSUL

Para testar a distribuição dos possessivos **seu/dele** no português da região sul do Brasil, utilizamos as entrevistas do Varsul²⁶ das três capitais (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), além da cidade de Lages (SC), tendo em conta o uso dos pronomes de segunda pessoa – tu ou você –, distintos, nas quatro cidades-alvo. Esse critério é relevante, na medida em que uma das razões que levaram a um decréscimo no uso de **seu** como representante da posse na terceira pessoa foi a migração desse possessivo para a segunda pessoa no processo de gramaticalização de **você** (oriundo da locução nominal **a vossa mercê**, cf. MENON, 2006).

Uma dos autores deste capítulo, Menon, depois de coorientar uma dissertação (LOREGIAN, 1996), orientar outras (SETTI, 1998; TOLEDO, 1998; GODOY, 1999, HAUSEN, 2000) e estudar o processo de variação de **tu**, **você** e **o senhor** em diferentes fontes do PB, mas sobretudo do dialeto gaúcho (Menon 2000)²⁷, ao examinar mais de perto as entrevistas do Varsul de Curitiba, Lages, Blumenau e Chapecó, havia chegado à conclusão de que era absolutamente necessário descer o nível de análise ao indivíduo, já que os resultados estatísticos até então obtidos não revelavam todas as sutilezas de emprego desses pronomes na região. Com base nas ocorrências da variação **tu/você** nas entrevistas de Curitiba e daquelas três localidades de Santa Catarina (um estado onde se afirmava haver uso geral de **tu**), elaborou uma tipologia para os informantes: **Só Tu** (o falante emprega somente o pronome **tu**); **Só Você** (o falante emprega somente o pronome **você**); **Tu & Você** (o falante usa **tu** e **você**). Levantados os dados de Curitiba, de tipologia **Só Você**, e os das três cidades, que apresentavam informantes com as três tipologias, a pesquisadora descobriu que havia dois contextos de entrada, digamos assim, do

²⁶ O Banco de Dados Varsul teve a sua primeira parte (a amostra-base, de 24 entrevistas por cidade [04 de cada estado], distribuídas por sexo [masculino e feminino], faixa etária [25-49 anos; mais de 50 anos] e escolaridade [primário = até 05 anos; ginásio = 08 anos; colegial = 11 anos]) realizada no início dos anos 1990 e, encerrada a transcrição (e armazenamento do *corpus* transcrito em computador), em 1996. Na década seguinte, foram sendo agregadas entrevistas, somente nas capitais, correspondentes a mais uma faixa etária (15-24 anos) e mais a escolaridade superior.

²⁷ O trabalho de Menon (1997) havia revelado a utilização consistente do possessivo **de vocês** (quando havia mais de um possuidor), com base nos quadrinhos Disney editados no Brasil a partir da década de 1950, para a representação da posse de segunda pessoa, quando havia mais de um possuidor.

pronome **você** na gramática dos falantes de **Só Tu**: a **indeterminação do sujeito** e o **discurso relatado**. Em princípio, no discurso relatado de terceiros (DRT), haveria maior possibilidade de ocorrer **você**²⁸ do que no discurso relatado do próprio informante (DRI); porém, há ocorrências como esta em Florianópolis em DRI: “Intão **você** vai, faz **a tua** pinturazinha, e o oto fica aqui, s’eu pricisá.” (FLP13, mbg, 978)²⁹

Para ampliar a testagem a cidades que, em princípio, deveriam ter falantes de **Só Tu** – Florianópolis e Porto Alegre —, a pesquisadora convidou Loremi Loregian-Penkall (que havia ingressado no doutorado e pretendia fazer uma reanálise da variação **tu/você**, restrita às capitais na sua dissertação de mestrado, em todo o *corpus*³⁰ do Varsul) para que integrasse a pesquisa com seu levantamento dessas duas outras capitais. Com a amostra mais dilatada, foi possível demonstrar (MENON; LOREGIAN-PENKALL, 2002) que as hipóteses iniciais estavam corretas, além de que ficou comprovado que tanto em Florianópolis como em Porto Alegre não existiam somente falantes **Só Tu**. Posteriormente, Loregian-Penkall utilizou esses resultados, ampliando-os para toda a amostra-base do Varsul, na sua tese de doutorado (2004). Cabe ressaltar que, no trabalho acima citado, não se levou em consideração nem as interações do entrevistado com os entrevistadores nem a questão do uso de **vocês** (plural natural tanto de **tu** como de **você**, uma vez que **vós** caiu em desuso), que, quando aparecia embutido no DRT ou DRI, era codificado como tal.

Qual a importância desses resultados para uma análise da variação **seu/dele**? Se temos no Brasil comunidades que utilizam diferentes formas para o interlocutor e uma dessas formas é **você**, pronome de segunda pessoa oriundo de uma locução nominal, o possessivo de segunda pessoa, em princípio, vai ser **seu**. E, assim, o pronome **seu**, inicialmente de terceira pessoa, tem o âmbito de uso – e de ambiguidades – alargado/estendido a mais um campo semântico: o da segunda pessoa. Podemos, assim, numa análise sincrônica (uso do presente para explicar o passado, cf. LABOV, 1975), refazer o percurso da aplicação do **seu**, historicamente um reflexivo que passa a ser de terceira pessoa em geral,

²⁸ É mais fácil reconhecer no outro aquilo que a pessoa crê não produzir!

²⁹ A codificação dos exemplos é feita com a indicação da cidade: Curitiba (CTB); Florianópolis (FLP); Lages (LGS) e Porto Alegre (POA), seguida do número da entrevista (de 01 a 24). Depois, vêm os dados sociais: sexo (**masculino** ou **feminino**), faixa etária (**jovens** = 15-24 anos, **a** = 25-49 anos, **b** = + de 50 anos); escolaridade (**primário**; **ginásio**, **colegial**, **superior**), seguido do número da linha na entrevista.

³⁰ Aportuguesamento do latim *corpus*, acentuada como outras paroxítonas terminadas em **-us**: tónus, húmus...

acumulando ambiguidades, que vai ceder espaço para a inserção de **dele**, uma retomada anafórica que passa a ser pronome possessivo dessa terceira pessoa. Com a utilização de **seu** (respeitoso, no caso do pronome **o senhor/a senhora**) para a segunda pessoa geral **você**, fica ainda mais desgastado o **seu** de terceira, o que favorece a expansão de **dele**.

Em algumas variedades do PB, por exemplo, no dialeto curitibano, existe uso de **Só Você** (uso do respeitoso **o(a) senhor(a)** para não-íntimos, desconhecidos ou mais velhos, ou ainda, para subalternos, para evidenciar os papéis sociais). No entanto, os pronomes possessivos são **teu(s)/tua(s)** se o interlocutor é íntimo, familiar, da mesma faixa etária ou mais novo ou hierarquicamente inferior; **seu(s)/sua(s)** se o interlocutor é estranho ou desconhecido, mais velho ou de posição hierárquica superior. Os pronomes átonos seguem o mesmo tipo de distribuição, com o uso de **te** ou **lhe**, respectivamente, tanto como objeto direto: — “eu **te** vi ontem no cinema”; “eu **lhe** vi ontem no cinema” — ou como indireto: “eu **te** dou uma sova” (+ íntimo); “eu **lhe** dou uma informação” (-íntimo; ou mais formal) (cf. MENON, 2016). Como, porém, existem restrições linguísticas para o possessivo **teu(s)/tua(s)** – restrito a um único possuidor – os curitibanos usam **de vocês** quando há mais de um possuidor. Vê-se que esse possessivo segue o padrão de **dele**, assim como também o possessivo concorrente a **nosso**, de primeira pessoa do plural, **da gente**: preposição **de** mais o pronome pessoal correspondente, criando e regularizando um novo paradigma de pronomes possessivos no português, ao lado daquele constituído historicamente a partir do modelo latino (meu/teu/seu/nosso/vosso/seu).

A questão que se coloca, a partir dessas observações, é a de verificar até que ponto o uso do **seu** na segunda pessoa **você**, pode/pôde desalojar o **seu** da terceira: aberto o caminho para **dele**, na terceira, como se comportam os dados dos falantes que têm distribuição diferenciada nos pronomes de segunda: **tu** ou **você**? Assim, a partir da análise dos resultados obtidos com as rodadas nas cidades do Varsul, vamos verificar como se dá a distribuição de **seu** na terceira pessoa. Do ponto de vista metodológico, essa é uma questão importante: temos que levar em consideração que a presença de **você** pode interferir na distribuição e no uso de **seu** para a terceira pessoa quando houver ambiguidade. Esse problema, em princípio, não se põe quando o pronome usado pelo falante é **tu** (cujo possessivo é **teu(s)/tua(s)**). Assim, na seleção e classificação dos dados, um dos fatores que pode, ou não, propiciar o emprego de **dele** é o tipo de pronome de segunda pessoa usado pelo falante. No plural, ainda que o falante seja **Só Tu**, vai usar **vocês**, o que possibilita o emprego de **de vocês**, para evitar qualquer ambiguidade que o uso

de **seu** (dois ou mais possuidores –**vocês** –, com um ou mais possuídos: *o pai de vocês*), o que poderia favorecer o emprego de **seu** na terceira.

Como explanamos acima, fizemos a codificação dos dados da nossa amostra a partir da tipologia de Silva (1984), acrescentando mais dois níveis para a indefinição. Assim, tivemos oito categorias de distribuição **seu/dele**, num *continuum* do [+ **definido** (posse **tipo 1**)] ao [+ **indefinido** (posse **tipo 8**)].

5.1 Florianópolis (FLP)

Inicialmente, no levantamento dos dados de Florianópolis, previmos um grupo de fatores que incluía **teu, seu, dele e de vocês**, o que daria um total de 469 nessa cidade. No entanto, já na primeira rodada, o programa Varbrul detectou vários nocautes nesse Grupo de Fatores (GF), como esperado, já que somente **seu** poderia ser tanto de segunda como de terceira. Porém, também no GF tipo de posse, houve nocautes nos tipos 3 e 8.

Nessa capital (onde 14 dos informantes são do tipo **Só Tu**; um único **Só Você**; e 09 **Tu & Você**), foram computados, por conseguinte, **374** dados de possessivos de terceira pessoa (36 de **seu** e 338 de **dele**). Na rodada estatística, foram selecionados, pela ordem, sexo, idade e escolaridade; com significância .036. Na Tabela 2.2 abaixo, estão expostos os resultados e os pesos correspondem aos usos de **seu** (consequentemente, a parte complementar é relativa ao uso de **dele**):

Tabela 2.2 – Florianópolis: seu/dele – Fator de aplicação: seu

GF.	variantes	N.º ocor.	%	P.R.
Sexo	Masc.	24/165	15	.63
	Fem.	14/209	06	.40
Faixa etária	a	15/221	07	.42
	b	21/153	14	.62
Escolaridade	p	18/129	14	.63
	g	05/121	04	.33
	c	13/24	10	.53

Assim, o que os resultados em pesos relativos nos indicam é que, em Florianópolis, os homens (.63) e a faixa etária mais velha (.62) são os repositários do uso de **seu** na terceira pessoa. Mulheres e faixa etária mais jovem estão na vanguarda no uso de **dele**. No GF escolaridade, primário e colegial favorecem a variante **dele** e o ginásio desfavorece, como veremos também em Porto Alegre.

5.2 Lages (LGS)

A cidade de Lages, no interior de Santa Catarina (fundada por vicentinos-paulistas, mas posteriormente sofrendo influxo dos gaúchos, por conta dos tropeiros, que levavam carne salgada e gado muar para a feira de Sorocaba) se caracteriza por ter uma distribuição tipológica de segunda pessoa bastante diversificada: um único informante usa **Só Tu**, seis usam **Só Você** e os demais 17, **Tu & Você**. Quando o pronome é você, o possessivo pode ser **teu**, como em Curitiba. Quando é o respeitoso, **a senhora**, o possessivo é **seu/sua**: “Eu que **lhe** agradeço a **sua** presença, né? **A senhora** mora em Florianópi, né?” (LGS07, mbp, 875.). Na segunda do plural, o possessivo é **de vocês**: “É lá da banda **de vocês** pra lá, de Florianópolis” (LGS05, fbp, 978); “meu modo de insiná era outro o **de vocês** é diferente” (LGS14, fbg, 882). Levantamos aí 330 dados (52 de seu e 278 de dele) e a rodada pôde ser feita com tipo de posse; sexo, faixa etária e escolaridade. Realizadas as rodadas estatísticas, foram selecionados, pela ordem, os grupos de fatores tipo de posse e sexo; com significância: .000. Os resultados são apresentados na Tabela 2.3, abaixo:

Tabela 2.3 – Lages *seu/dele* – Fator de aplicação : seu

GF.	Variantes	N.º ocor.	%	P.R.
Tipo de posse	8.— cada um/ todos/ todo mundo	15/16	94	.99
	7.— coletivo sing. posse plural	8/13	62	.91
	6.— 2+possuidores c/2+possuídos –distr.	03/04	43	.90
	4.— 2+possuidores c/2+ possuídos –distr.	16/55	29	.82
	3.— 2 possuidores c/ 1 possuído comum	01/22	05	.31
	1.— 1 possuidor c/ 1 possuído	09/217	04	.30
Sexo	Masc.	42/147	29	.72
	Fem.	10/183	05	.32

Diferentemente de Florianópolis, os homens, também selecionados em Lages, aparecem com probabilidade um pouco mais acentuada de usar **seu** (.72), embora o número de dados de **seu** seja bem menor (somente 52 dados, 16% da amostra) que os de **dele** (278 dados, 84% da amostra); as mulheres também usam mais **dele**. Com relação à questão da (in)definição, fica evidenciado que, quanto mais genérica for a relação de posse, maior a incidência de **seu**, e praticamente categórica quando o indefinido é o do **tipo 8**, com os pronomes **cada um**, **todos**, **todo mundo**. Quando a posse é menos genérica, há mais favorecimento de **dele**: se houver uma relação de um possuidor e um possuído (com o maior número de dados: 217) ou dois possuidores com um possuído em comum (com número reduzido de dados: 22). Não houve dados dos tipos 2 e 5.

5.3 Curitiba (CTB)

Em Curitiba só há informantes **Só Você**. Foi registrado um único caso do possessivo **de você**³¹ (um possuidor com um possuído), concorrente de **teu** e, formalmente, singular de **de vocês**: “Me dá o livro de Português **de você**.” (CTB18, fac, 1458). Além disso, há uma distribuição do possessivo na segunda pessoa, conforme assinalado acima: o informante, homem da faixa etária mais velha, com colegial, dirigindo-se ao entrevistador, diz: “tinha a casa da Áurea, **sua** sogra” (CTB02, mbc, 0075), visto que a sogra era pessoa mais velha; depois, ao se referir à noiva do entrevistador, profere: “Entrou água naquele escritório ali; aliás **a tua** noiva lá deve saber disso” (CTB02, mbc, 0262), pois a noiva era jovem. Portanto, o possessivo de segunda pessoa tanto pode ser **teu** como **seu**, o que pode, em determinadas circunstâncias, impulsionar o uso de **dele** na terceira.

Foram levantados **584** dados (81 de seu e 503 de dele). A rodada foi feita com a amostra-base, a F1 (jovens, faixa etária 15-24 anos) e universitários. Como não houve nocautes, foi possível rodar os grupos de fatores: tipo de posse (exceto o tipo 5) e os fatores sociais sexo, idade, escolaridade. Foram selecionados, pela ordem, tipo de posse e idade; com significância: .000. Abaixo, na Tabela 2.4, estão os resultados da rodada:

Tabela 2.4 – Curitiba: *seu/dele* - Fator de aplicação : seu

GF.	Variantes	N.º ocor.	%	P.R.
Tipo de posse	8.— cada um/ todos/ todo mundo	39/42	93	1.00
	7.— coletivo sing. posse plural	09/13	69	.97
	6.— 2+possuidores c/2+possuídos –distr.	09/21	43	.92
	4.— 2+possuidores c/2+ possuídos –distr	08/43	19	.81
	2.— 1 possuidor c/ 2+ possuídos	03/41	07	.41
	3.—.2 possuidores c/ 1 possuído comum	02/56	04	.29
	1.— 1 possuidor c/ 1 possuído	11/368	3	.28
Idade	b — + 50 anos	48/201	24	.81
	j — 15-24 anos	17/193	09	.48
	a..— 25-49 anos	16/190	08	.19

Tanto quanto Lages, os resultados apontaram para o fato de que, quanto mais indefinido, maior a probabilidade de uso de **seu**, chegando a resultado categórico na posse de tipo 8. Por outro lado, a posse mais definida, que concentra também o

³¹ Esse é um daqueles casos que se sabe existir corriqueiramente na comunidade, mas que aparece somente uma vez nos dados da amostra. Pondere-se que a forma plural, **de vocês**, é mais antiga que a do singular, e que pode estar sendo utilizada – por ser morfológicamente singular – para regularizar o uso do novo paradigma.

maior número de dados, apresenta maior emprego de **dele**: os tipos 1 e 3, seguidos de 2. Quanto ao GF idade, a faixa etária mais velha ainda retém mais o uso de **seu**. As faixas mais jovens têm comportamento desfavorecedor de **seu**, mas em proporções diferentes: os mais jovens (15-24 anos) estão na zona de ocorrência neutra, com .48. No entanto, a primeira faixa etária da amostra base (25-49 anos) desfavorece bastante o uso de **seu**. Parece que, talvez, a F1 se encaixe naquela premissa de Silva (1991, p. 102) que citamos anteriormente, a de que os jovens usam menos a forma **seu** e, a respeito da influência da universalização do ensino obrigatório, que poderia incrementar a forma **seu**, essa não parece ser muito consistente. É possível que, na F1, os informantes estejam ainda muito próximos da saída da escola, o que ainda estaria segurando a forma **seu** (apesar de estar na zona neutra, o P.R. .48 representa já um avanço grande da forma **dele** (.52), se considerarmos que a forma **seu** é a mais antiga). Nessa perspectiva, a faixa etária 25-49 anos (com P.R. .81 para **dele**) já não sofreria mais a interferência de uma possível influência da escola. E, apesar de esses informantes estarem no mercado de trabalho, que muitas vezes é cerceante, do ponto de vista da cobrança da norma linguística, a variação **seu/dele** não parece sofrer qualquer restrição social; não é marcada, socialmente falando.

5.4 Porto Alegre (POA)

Na capital gaúcha (17 informantes **Só Tu** um único **Só Você**; e 06 **Tu & Você**), houve representatividade de todos os tipos de posse (1 a 8). A rodada pôde ser feita com esse GF e os fatores sociais – sexo, idade, escolaridade. O pronome **você** aparece bastante na indeterminação do sujeito: “Às vezes tem lugares aí que **você** não pode passá na calçada que tá batendo coa cabeça” (POA07, mbg, 681). Quando aparece pronome de segunda pessoa do plural, **vocês**, o possessivo usado é **de vocês**: “Abri os caminho **de vocês**, não sei o quê.” (POA 06, fbg, 793, DRT).

Foram computados 274 dados (37 de seu e 237 de dele). Os GFs selecionados foram, pela ordem, tipo de posse, idade e escolaridade; com significância .000. A Tabela 2.5 mostra os resultados:

Tabela 2.5 – Porto Alegre: *seu/dele* - Fator de aplicação: seu

GF.	Variantes	N.º ocor.	%	P.R.	
Tipo de posse	8.— cada um/ todos/ todo mundo	12/13	92	1.00	
	6.— 2+possuidores c/2+possuídos –distr.	04/13	31	.89	
	5.— 2+possuidores c/2+possuídos –colet.	01/04	25	.89	
	7.— coletivo sing. posse plural	05/15	33	.81	
	4.— 2+possuidores c/2+ possuídos –distr	05/19	26	.78	
	2.— 1 possuidor c/ 2+ possuídos	03/25	12	.53	
	3.— 2 possuidores c/ 1 possuído comum	01/13	08	.46	
	1.— 1 possuidor c/ 1 possuído	06/166	03	.27	
	Idade	b — + 50 anos	28/167	17	.72
		a — 25-49 anos	09/107	08	.19
Escolaridade	c — colegial (11 anos)	17/80	21	.79	
	p — primário (até 05 anos)	19/114	17	.65	
	g — ginásio (08 anos)	01/80	01	.10	

Nessa capital, assim como em Florianópolis, a escolaridade foi selecionada, e vemos um resultado que tem sido constante quando esse GF é selecionado com dados do Varsul: uma aproximação entre primário e colegial, o ginásio se diferenciando, ora para cima, ora para baixo da taxa de aplicação. No caso dos possessivos, o ginásio foi altamente desfavorecedor para a variante **seu**, com P.R. .10; enquanto primário e colegial são favorecedores: primário com P.R. .65 e colegial com P.R. .79. Quanto à idade, a faixa etária mais velha (+ de 50 anos) ainda é bastante favorecedora do uso de **seu** (.72), mesmo resultado que o de Lages, apesar do número reduzido de dados. Os mais jovens (25-49 anos) fazem largo emprego de **dele** (.81). E em relação aos tipos de posse, o resultado de POA é semelhante ao de Curitiba e de Lages: quanto mais indefinida a relação de posse, mais utilização de **seu**, com uso categórico com os pronomes indefinidos **cada um, todos e todo mundo**.

A Tabela 2.6 condensa os resultados das quatro cidades e o que podemos visualizar é uma quase uniformidade no sentido de que quanto mais indefinida (em direção do nível 8) a relação de posse, maior é o uso – ou a manutenção de uso – de **seu**, conforme as linhas com fundo contrastado, que também usamos para destacar as outras situações de favorecimento do uso do **seu**:

Tabela 2.6 – Comparação do uso de seu nas quatro cidades

TIPO DE POSSE	CTB	FLP	POA	LGS
8.— cada um/todos/todo mundo	1.00	—	1.00	.99
7.— coletivo sing. posse plural	.97	—	.81	.91
6.— 2+possuidores c/2+possuídos –distr.	.92	—	.89	.90
5.— 2+possuidores c/2+possuídos –colet.	—	—	.89	—
4.— 2+possuidores c/2+ possuídos –distr	.81	—	.78	.82
3.— 2 possuidores c/1 possuído comum	.29	—	.46	.31
2.— 1 possuidor c/2+ possuídos	.41	—	.53	—
1.— 1 possuidor c/1 possuído	.28	—	.27	.30
SEXO				
Masculino	—	.63	—	.72
Feminino	—	.40	—	.32
FAIXA ETÁRIA				
Jovem (15-24 anos) ³²	.48	—	—	—
a (25-49 anos)	.19	.42	.19	—
b (+ de 50 anos)	.81	.62	.72	—
ESCOLARIDADE				
p (primário= até 05 anos)	—	.63	.65	—
g (ginásio = 05 a 08 anos)	—	.33	.10	—
c (colegial = 09 a 11 anos)	—	.53	.79	—
s (superior completo) ³³	—	—	—	—

As relações de posse dos tipos **1**, **2** e **3** são mais específicas: um possuidor com um possuído, um possuidor com dois possuídos e dois possuidores com um possuído, respectivamente: elas apontam uma probabilidade maior de emprego do possessivo **dele**. São também as mais numerosas em todas as localidades. Vemos, então, que os resultados das quatro cidades do sul do Brasil mostram uma regularidade na utilização de **seu/dele** na terceira pessoa, com jovens e mulheres na liderança do emprego de **dele**. Tal resultado pode significar que, realmente, o uso de **dele** não contém estigma social, uma vez que, pelas premissas da teoria da variação/mudança, as mulheres seriam conservadoras, mas, ao liderarem alguma mudança, esta não seria marcada socialmente. E se as mulheres ainda são a base da transmissão da língua da comunidade, consequentemente é verossímil que os jovens já apresentem tendência para o uso da variante inovadora **dele**. A escolaridade, selecionada em Florianópolis e em Porto Alegre, não fornece claras evidências

³² A amostra contendo informantes jovens só é disponível em Curitiba: nas demais localidades, não se aplica à análise.

³³ O nível de escolaridade mais elevado de informantes com curso superior completo, só disponível em Curitiba, não foi, no entanto, relevante para os resultados, visto que o GF Escolaridade não foi selecionado como estatisticamente pertinente.

de influência na distribuição no uso do possessivo de terceira pessoa. Também o fato de a escolaridade não ter sido selecionada como GF relevante para Curitiba, única cidade da amostra com informantes de nível superior, parece indicar que a escola não desempenha um papel muito importante nesse caso de variação.

6. CONCLUSÃO

Por que olhar tanto para os possessivos de segunda pessoa quando analisamos os de terceira?

Enquanto o pronome de segunda pessoa do plural era o **vós**, não havia o menor problema no uso de **seu** para a terceira pessoa, conforme podemos atestar com os versículos abaixo, de Josué, 22, na BS, a mais conservadora, em termos de linguagem, das Bíblias consultadas para Menon (2016). Neles, o pronome possessivo de segunda pessoa do plural é **vosso(a)(s)** e, para Deus, a utilização de **seus** (caminhos, mandamentos). A versão NVI foi feita para atender à “necessidade de uma nova tradução das Escrituras em português”. Essa necessidade comprova-se particularmente em razão dos dois fatores: (1) na dinâmica de transformação constante da linguagem, tanto no vocabulário como na organização de frases (sintaxe); (2) ” (*Bíblia, NVI*, p. vii), aparece já o pronome **vocês** para representar a segunda pessoa do plural, trazendo consigo os possessivos **seu(s)/sua(s)**. Nos versículos 22,³⁻⁵, aparecem **seu(s)/sua(s)** usados por Josué nas admoestações que faz aos israelitas e nas referências a Deus (em 22,⁵: aos **seus** mandamentos). Nesse caso, uma possível ambiguidade não se instaura, pois o contexto dirime as dúvidas quanto ao sentido e quanto aos referentes. Na versão NTLH (para o português do Brasil, conforme a introdução), o pronome possessivo de segunda pessoa, quando há mais de um possuidor, já é **de vocês**.

Quadro 2.2 – Uso de possessivos de segunda pessoa em diferentes versões da Bíblia

<p style="text-align: center;">BS <i>Bíblia Sagrada. Trad. da Vulgata</i></p>	<p style="text-align: center;">NVI <i>Bíblia Sagrada. Nova versão internacional.</i></p>	<p style="text-align: center;">NTLH <i>Bíblia Sagrada. Nova tradução na linguagem de hoje.</i></p>
Josué, 22, 1-5 p. 261	Josué, 22, 1-5 p. 163-164	Josué, 22, 1-5 p. 230
¹ Neste mesmo tempo Josué chamou os Rubenitas, e os Gaditas, e a meia tribo de Manassés,	Josué convocou as tribos de Rúben, de Gade e a metade da tribo de Manassés	¹ Então Josué reuniu o povo das tribos de Rúben, de Gade e de Manassés do Leste
² e disse-lhes: Vós fizestes tudo o que Moisés, servo do Senhor, vos ordenou; e também a mim me tendes obedecido em tudo,	E lhes disse; “ Vocês fizeram tudo o que Moisés, servo do SENHOR, ordenou.	² e disse: — Vocês têm feito tudo o que Moisés, servo do SENHOR, mandou e têm obedecido a todas as minhas ordens também.
³ e durante um tão longo tempo até ao dia de hoje não abandonastes os vossos irmãos, observando o mandamento do Senhor vosso Deus	Durante muito tempo, e até hoje, vocês não abandonaram os seus irmãos, mas cumpriram a missão que o SENHOR, o seu Deus, lhes entregou.	³ Durante todo esse tempo, até hoje, vocês não abandonaram os seus irmãos israelitas. Vocês têm obedecido com cuidado aos mandamentos do SENHOR.
⁴ Agora, visto que o Senhor vosso Deus deu repouso e paz aos vossos irmãos, como lho tinha prometido, voltai, e ide para as vossas tendas, e para a terra da (<i>vossa</i>) possessão, que Moisés, servo do Senhor, vos deu da outra banda do Jordão.	Agora que o SENHOR, o seu Deus, já concedeu descanso aos seus irmãos israelitas, como tinha prometido, voltem para casa, para a terra que Moisés, servo do SENHOR, lhes deu no outro lado do Jordão.	⁴ Agora o SENHOR o Deus de vocês , deu aos seus irmãos israelitas a paz, como havia prometido. Voltem, pois, para a terra que vocês conquistaram do outro lado do rio Jordão, a terra que Moisés, servo do SENHOR, lhes deu.
⁵ Só vos imponho a condição de que guardeis , e cumprais exatamente o mandamento e a lei que Moisés, servo do Senhor, vos prescreveu, (<i>isto é</i>) que ameis o Senhor vosso Deus, e andeis em todos os seus caminhos, e observeis os seus mandamentos, e estejais unidos a ele, e o sirvais de todo o coração, e de toda a vossa alma.	Mas guardem fielmente o mandamento e a lei que Moisés, servo do SENHOR, lhes deu, que amem o SENHOR, o seu Deus, andem em todos os seus caminhos, obedçam aos seus mandamentos, apeguem-se a ele e o sirvam de todo o coração e de toda a alma.	⁵ Obedeçam com muito cuidado ao mandamento e à lei que Moisés, servo do SENHOR lhes deu. Amem o SENHOR, o Deus de vocês , façam a vontade dele , obedçam aos seus mandamentos, fiquem ligados com ele e o sirvam com todo o coração e com toda a alma.

No entanto, em Josué 22, versículos 3-5, na NTLH, aparece a alternância **seu/dele** para evitar possíveis ambiguidades entre terceira pessoa do singular (a vontade **dele**) e do plural (aos **seus** mandamentos), além da segunda do singular,

que emprega também **seus**. Também acontece isso em Josué 24,⁰⁸⁻¹⁰, versão NVI, que usa **suas**₁ como possessivo de **vocês**₁, mas usa **deles**₂, como possessivo referente a **amorreus**₂:

Quadro 2.3 – Distribuição dos possessivos *seu(s)*, *dele(s)* ou *SN preposicionado* para evitar ambiguidades

BS - Josué, 24, 8-10, p.	NVI - Josué, 24, 8-10, p. 165	NTLH - Josué, 24, 8-10, p. 232
⁸ E introduzi- vos na terra do Amorreu, que habitava na banda de além do Jordão. E quando combatiam contra vós , eu os entreguei nas vossas mãos, e vós tomastes posse do seu país, e os matastes.	⁸ “Eu os ₁ trouxe para a terra dos amorreus ₂ que viviam a leste do Jordão. Eles lutam contra vocês ₁ , mas eu os ₂ entreguei nas suas ₁ mãos. Eu os ₂ destruí diante de vocês, e vocês se apossaram da terra deles ₂ .”	⁸ — Então eu os levei para a terra dos amorreus que moravam a leste do rio Jordão. Os amorreus os atacaram, mas eu dei a vitória a vocês . Vocês tomaram posse da terra deles , e eu os destruí diante de vocês.
⁹ E levantou-se Balac, filho de Sefor, rei de Moab, e combateu contra Israel. E mandou chamar Balaão, filho de Beor, para que vos amaldiçoasse;	⁹ Quando Balaque, rei de Moabe, filho de Zipor, se preparava para lutar contra Israel, mandou buscar Balaão, filho de Beor, para lançar maldição sobre vocês .	⁹ Aí o rei de Moabe, Balaque, filho de Zipor, fez guerra contra Israel. Balaque mandou buscar Balaão, filho de Beor, e pediu que ele amaldiçoasse vocês .
¹⁰ Mas eu não o quis ouvir, antes pelo contrário, por meio dêle vos abençoei, e vos livreí da sua mão .	¹⁰ Mas eu não quis ouvir Balaão, de modo que ele os abençoou vez após vez, e eu os livreí das mãos dele .	¹⁰ Mas eu não quis ouvir Balaão, e assim ele os abençoou, e eu os salvei das mãos de Balaque .

Em outras passagens, aparece **de vocês**³⁴ para indicar a posse de segunda pessoa com mais de um possuidor, como em Josué, 2,¹⁴: “A nossa vida pela **de vocês**”, “os homens lhe garantiram.” Também em predicativo do sujeito, como em Josué 17,¹⁸: “Os montes cobertos de florestas serão **de vocês**. Limpem **o terreno**₁, e será **de vocês**, até os **seus**₁ limites mais distantes.” Observe-se, aqui, que o uso do possessivo **de vocês** possibilita o emprego não ambíguo de **seus** na retomada anafórica de uma locução nominal (de terceira pessoa, portanto): **o terreno**. Mas não em Josué, 23,⁴: “Lembrem-se de que eu reparti por herança para as tribos **de vocês** toda a terra das **nações**₂” e no versículo seguinte: “O SENHOR, o seu Deus, **as**₂ expulsará da presença **de vocês**. Ele as empurrará de diante de vocês, e vocês se apossarão da terra **delas**₂, como o SENHOR lhes prometeu.” Nesse caso, vemos o uso de **delas**₂, para evitar uma má interpretação — se se usasse **sua** —,

³⁴ Para outras ocorrências de variação de possessivo de segunda pessoa, veja-se Menon (2016), a partir de cinco versões da Bíblia ou do Novo Testamento (entre elas, BS e NVI, mas não NTLH).

como a terra ser dos israelitas, que (re)tomariam a posse de uma terra que lhes pertencesse, o que não é o caso.

Podemos, então, “presenciar” como se dá a passagem de um emprego a outro dos pronomes possessivos, a partir das necessidades dos contextos e de clareza na apresentação das relações anafóricas. E, daí, se está a um passo da especialização no uso de **dele(s)** para a terceira pessoa e de **de vocês** para a segunda, ao lado de **seu(s)**, cada vez mais raros em ambas as pessoas.

Além disso, em Josué. 24,¹⁰, vemos a sucessão (porque as versões foram feitas em diferentes momentos, como foi dito anteriormente) da variação/mudança: *da sua* mão (BS) > *das mãos dele* (NVI) > *das mãos de Balaque* (NTLH). A estratégia de substituir uma retomada anafórica pronominal pela repetição do substantivo (antecedido da preposição **de**, no caso da posse), tinha sido observada já por Duarte (1986) para evitar o objeto direto nulo ou o já arcaico, para o PB, *Vi-o*: nesse caso, pela repetição do pronome lexical — *Vi você*.

Vemos, então, que há várias maneiras de se evitar ambiguidades nas retomadas anafóricas por meio dos possessivos. Embora os diálogos da Bíblia³⁵ não sejam interlocuções reais (no sentido de que não são realizações efetivas de falantes reais), constituem diálogos possíveis que refletem como se percebe a linguagem do outro. Se os diálogos são (re)construídos, isso espelha uma leitura/interpretação que os tradutores fazem de uma realidade linguística e que demonstra a funcionalidade da língua, na aplicação dos recursos de que ela dispõe para tornar mais eficaz a comunicação linguística. Da mesma maneira, se certas formas de possessivos de segunda pessoa não ocorrem nos dados das entrevistas sociolinguísticas, embora saibamos que elas ocorrem na língua real, a falha é da amostra, visto que não se trata de verdadeiros diálogos, isto é, o entrevistador não dialoga com o entrevistado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. de. *Cartas para el-rei D. Manuel*. 2. ed. Sel., pref. e notas de António Baião. Lisboa: Sá da Costa. s/d. (Afonso)

Bíblia Sagrada. Trad. da *Vulgata* e anotada pelo Pe. Matos Soares. 26. ed. São Paulo: Edições Paulinas. 1971 [*Imprimatur*, 1933]. (BS)

Bíblia Sagrada. Nova versão internacional. São Paulo: Editora Vida. 2001. (NVI)

³⁵ Tanto quanto os diálogos das bulas de remédio em Menon (2016) ou, na linguagem do teatro, a caracterização de tipos regionais ou sociais.

- Bíblia Sagrada. Nova tradução na linguagem de hoje.* São Paulo: Paulinas. Impr. 2017 [2011]. (NTLH)
- CÂMARA JR., J. M. *Problemas de linguística descritiva.* 10. ed. Petrópolis: Vozes. 1981 [1971].
- CERQUEIRA, V. C. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro.* São Carlos, SP: Claraluz. 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. 16. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1988 [1985].
- DIAS, A. E. da S. *Syntaxe historica portuguesa.* Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1918.
- DIAS, J.J.A (org.). *Chancelarias Portuguesas – D. João I. Vol. I, Tomo I.* Lisboa: CEH/UNL. 2004 (CDJI)
- DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil.* Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.
- GODOY, M. A. M. *A indeterminação do sujeito no interior parananense: uma abordagem sociolinguística.* Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1999.
- HAUSEN, T. A. Pacheco. *Concordância verbal do pronome “tu” no interior do estado de Santa Catarina.* Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2000.
- LABOV, W. On the use of the presente to explain the past. In: HEILMANN, L. (ed.). Proceedings of the 11th. *International Congress of Linguists.* Bologna: Il Mulino. p. 825-851. 1975.
- LISBOA, E. (Coord.) *Dicionário cronológico de Autores portugueses*, vol. I. Pelo Instituto Português do Livro. Mem Martins: Publicações Europa-America. 1985.
- Livro de Falcoaria de Pero Menino.* Publicado com introdução, notas e glossário por Rodrigues Lapa. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1931. (Falcoaria)
- LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil.* Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1996.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *Reanálise da concordância verbal com o pronome tu no sul do Brasil.* Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

LOREGIAN-PENKAL, L.; MENON, O. P. S. Variação no indivíduo e na comunidade: *tu/você* no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado da região Sul*. Pelotas: EDUCAT. p. 147-188. 2002.

MENON, O. P.S. Reestruturação do sistema possessivo em português. *Anais do VIII Seminário do CELLIP (Curitiba, 1994)*. p. 334-338. 1995.

MENON, O. P.S. Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. In: FIGUEIREDO, Sílvia. (org.). 1996. *Pesquisa e ensino: a diversidade lingüística brasileira*. Rio de Janeiro: GT Sociolingüística/UFRJ. 1996a, p. 101-116.

MENON, O. P.S. [**De + pronome lexical sujeito**]: variação no sistema pronominal possessivo no português do Brasil. Comunicação apresentada no *I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul*. Porto Alegre, UFRGS. 1996b.

MENON, O. P.S. Seu / de vocês: variação e mudança no sistema dos possessivos. In: HORA, Dermeval da. (org.). 1997. *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia. 1997, p. 79-92.

MENON, O. P.S. *Pronome da segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 35, n. 1, 2000, p. 121-163

MENON, O. P.S. A história de você. In: GUEDES, Mary Marcia; BERLINCK, Rosane A.; MURAKAWA, Clotilde A. A. (orgs.). *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Edit. (Série Trilhas Lingüísticas, n.º 8). 2006, p. 99-160.

MENON, O. P.S. Sobre a datação de você, ocê e senhorita. *Fórum lingüístico*, Florianópolis, vol. 6, 1, 2009, p. 45-71. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum:article:view:11517/11865>

MENON, O. P. S. Leite quente: o xibolete curitibano. In: FAGUNDES, E. D.; LOREGIAN-PENKAL, L.; MENON, O. P. S. (orgs.). *O falar paranaense*. Curitiba: UTFPR Editora. 2015, p. 113-134.

MENON, O. P. S. Implementação de *você* no século XX, no português do Brasil. In: SELLA, A.F.; ROMAN, E.C.; CORBARI, A.T. (orgs.). *X Celsul: congregando pesquisas*. São Carlos: Pedro & João Editores. 2016, p. 21-79.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. e. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Univerisdade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro. 1982.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. e. Variação no sistema possessivo da terceira pessoa. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 78/79 – *Sociolingüística e ensino do vernáculo*: 54-72. 1984.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. e. Um caso de definitude. *Organon*, Porto Alegre, Vol. 5, n. 18: 90-108. 1991.

SETTI, A. C. R. *A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1998.

Teatro português do século XVI, I. Teatro profano. Introd. e ed. de José Camões. Lisboa: INCM. 2007.

Teatro português do século XVI, I, II. Introd. e ed. de José Camões. Lisboa: INCM. 2010.

Teatro português do século XVI, I, III. Introd. e ed. de José Camões. Lisboa: INCM. 2010.

TOLEDO, A. do R. *Sistema pronominal possessivo em uso na ilha dos Valadares*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1998.

VASCONCELLOS, J. F. de. *Comédia Eufrosina*. Conforme a impressão de 1561, por Aubrey F. G. Bell. Lisboa: Imprensa Nacional/Academia das Ciências de Lisboa. 1918.